

Mais belo não há

MARIANNA RIOS
ESPECIAL PARA O CORREIO

É uma cidade, mas é também um anfiteatro de onde se pode admirar, dia sim e outro também, o céu grandioso. "O monumental de Brasília não é nenhum monumento da cidade, é esse horizonte que se estabelece", diz o urbanista Antonio Carlos Carpintero. Ele explica que a imensidão do nosso firmamento se deve graças ao anel de chapadões que envolve a cidade: "O horizonte é um anel completo de chapadas que dão uma volta inteira em Brasília."

"O ponto mais alto da capital, a Praça do Cruzeiro, está a 1.172 metros do nível do mar, enquanto as chapadas estão um pouco mais altas, a 1.230 metros. Mas à distância de 20km, o ângulo (do horizonte) é muito pequeno e nós o percebemos mais ou menos plano", afirma Carpintero. Quando projetou a cidade, Lucio Costa teve o cuidado de proteger a imensidão do céu — fez dela um anfiteatro para que pudéssemos apreciar o universo. "Ele pôs o Eixo Monumental pegando esse horizonte de frente e, ao longo do caminho, nós o vemos aparecer e desaparecer, mas sempre está à nossa frente. Nas superquadras, você também sempre vê o horizonte por entre os prédios. Da mesma forma, colocar a Praça dos Três Poderes em um ponto mais baixo valorizou a visibilidade", ressalta Carpintero.

Em uma cidade que é patrimônio da humanidade, nada mais coerente do que resguardar a beleza do horizonte. Tanto assim que repousam no Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) dois projetos de proteção à nossa calota. Um deles sugere considerá-lo bem imaterial de Brasília; em outro, seria nomeado Paisagem Cultural Brasileira. Arquiteto e ex-superintendente do Iphan, Cláudio Queiroz esclarece que a proteção do céu não é apenas simbólica. Basta que sejam preservadas as escalas da cidade, todas elas calculadas para respeitar o espetáculo cósmico. "São os aspectos surreais de uma natureza sutil, que servem como suporte da obra humana", avalia. "O céu de Brasília entra na gente. É muito lindo, é invasivo. Ele deveria ter esse reconhecimento", derrete-se Carlos Fernando de Moura Dhelfim, arquiteto que apresentou, há três anos, a proposta de Paisagem Cultural Brasileira ao Iphan. "A ideia pode ser poética, mas é uma forma de gerir o patrimônio sem deixar de reconhecer a beleza das coisas", defende.

É logo depois do aniversário da cidade que os moradores são recompensados com o céu mais limpo e mais inspirador do ano. Em maio, as nuvens ficam tímidas diante do sol dourado e a notícia de que a seca está por vir inibe as gotículas de chuva. "No início de maio, as chuvas de abril já limpam o céu. É um período muito bonito, porque a luminosidade é fantástica", elogia José Ricardo, membro do Clube de Astronomia de Brasília (Casb).

A pesquisadora e física do Observatório Nacional Josina Nascimento mora no Rio de Janeiro, mas nunca esqueceu a beleza do céu daqui. "Brasília, por ter uma latitude maior e o período de seca, tem um crepúsculo maravilhoso. Isso porque a partir do momento em que o sol toca o horizonte, a claridade já se espalha, iluminando tudo", explica. Neste 21 de abril, nada melhor que comemorar o aniversário da cidade contemplando o tão homenageado pôr do sol, exatamente às 17h59. Depois, quando o sol sair de cena, entram as noites, que ficarão mais longas nos próximos meses de inverno.

www.correiobraziliense.com.br
Veja a galeria de imagens com os trabalhos dos artistas locais que homenageiam o céu de Brasília

